



RIBEIRÃO PIRES
Hospital e Maternidade
momento saúde
DR. DIVINO GILA SANTOS
Ginecologista e Obstetra CRM: 69.631

HPV em mulheres e câncer de colo de útero

O que é HPV e como é transmitido?

O HPV é o papiloma vírus humano e sua transmissão ocorre pelo contato entre mucosas (camadas que recobrem partes internas do corpo e orifícios, tais como vagina, vulva, pênis, ânus e boca), quase que exclusivamente no ato sexual. Por isso é uma DST (Doença Sexualmente Transmissível), atualmente considerada a maior infecção sexual do mundo.

Quais os sintomas?

O contato com o vírus pode ter resolução espontânea ou apresentar infecções. Quando há sintomas, ocorre a multiplicação celular, formando desde verrugas a lesões precursoras do câncer, as chamadas neoplasias intraepiteliais (como a do colo do útero), bem como corrimentos e sangramentos pós-coito. O mais frequente é ser uma doença assintomática, cujas lesões só são descobertas nos exames de rotina preventiva.

Como diagnosticar e tratar o HPV?

O diagnóstico é feito na rotina ginecológica (exame papanicolaou) ou, quando há verrugas, pela coleta de células. A visita anual ao especialista é muito importante e deve ser respeitada. O tratamento é feito por queimaduras das lesões visíveis com produtos ácidos, eletro-cauterização ou remoção (extirpação) das lesões.

Quais as complicações que essa doença pode acarretar?

Essa doença infecciosa tem como principal complicação a evolução para câncer do colo do útero. O vírus tem mais de 100 cepas/tipos, alguns deles com potencial oncogênico, ou seja, facilidade de se transformar em câncer. Importante pontuar que não são todas as lesões que evoluem para câncer e há tempo para tratamento, desde que o diagnóstico ocorra o quanto antes. A rotina ginecológica anual é fundamental.

Qual a idade ideal para vacinação? Adultos também devem ser vacinados?

A vacina para HPV deve ser aplicada nas meninas entre 9 e 14 anos e nos meninos entre 11 e 13 anos. Adultos também podem ser vacinados, mesmo que já tenham a doença, pois previne especialmente os tipos oncogênicos.

O HPV pode prejudicar o bebê durante a gravidez?

Embora a infecção não passe para o bebê, que está bem protegido pela bolsa amniótica, a doença do HPV pode prejudicar e até complicar a gravidez, principalmente se as lesões do colo do útero estiverem avançadas. Em caso de câncer, inclusive, pode haver necessidade de antecipar o parto ou até mesmo de aborto terapêutico. Sempre, claro, respeitando o desejo materno.



RIBEIRÃO PIRES
Hospital e Maternidade
Dr. Luciana Perez Solera
Diretora médica responsável
CRM: 105.076
R. Dr. Nicolau Assaf, 52, Centro Alto - Ribeirão Pires/SP
CEP: 09424-070 - PABX: (11) 4827-1000
Consultas e exames: (11) 4827-1003
www.hospitalribeiraopires.com.br

Sindicato e professores cobram ações mais efetivas

Apesar de a Secretaria de Educação alegar que tem adotado medidas para prevenir novos atentados como o que houve há um ano em Suzano, as subsedes da Apeesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) na região avaliam que pouco foi feito de efetivo para aumentar a segurança nas unidades escolares. Coordenadora em Santo André, Vanderleia Aguiar afirmou que as escolas continuam do mesmo jeito que antes do ataque. De São Bernardo e São Caetano, o coordenador Aldo Santos também fez avaliação negativa e completou que, de forma geral, nada melhorou com o atual governo.

Professora da rede em Diadema que pediu para não se identificar afirmou que existe a orientação de promover palestras com os alunos, que a equipe esteja alerta, mas outros assuntos são negligenciados, como o combate ao racismo, especialmente nas escolas de periferia. “Muitos alunos envolvidos com a questão da violência são vítimas de racismo. A violência, a dor, o sofrimento do jovem, não estão relacionados só ao bullying, mas também ao racismo e ao preconceito institucional”, pontuou.

André Sapanos, coordenador da subsele de Mauá, também avalia que não houve avanços na questão. “É necessário que o governo pense formato de segurança escolar preventiva e não punitiva, aliando o diálogo constante entre escola e comunidade,

de, indo além da vigilância por meio dos equipamentos eletrônicos, e criando um manual de prevenção, para que os profissionais da educação, estudantes e comunidade consigam se prevenir em situações de insegurança, que conheçam os diferentes tipos de ocorrência, que saibam como reagir e estejam familiarizados com a postura da escola perante a possíveis acontecimentos”, afirmou.

Psicóloga especialista em adolescentes, Adriana Severine avalia que são necessárias medidas mais efetivas, que possam fazer as crianças se colocarem umas nos lugares das outras e exercer a empatia.

PAIS E ALUNOS

Entre pais e alunos, as percepções sobre as mudanças são variadas. Professora universitária e mãe de um estudante da rede estadual em Santo André, Eliane Chagas, 42, relatou que houve apenas uma conversa sobre o ocorrido, mas não foi estabelecida qualquer mudança na rotina.

Estudante do Senai Almirante Tamandaré, Gabriel Amorim Augusto, 21, percebeu pequeno aumento na quantidade de seguranças, mas avalia que tragédia como a de Suzano poderia acontecer em qualquer lugar.

Mãe de um aluno da rede em Santo André, a encarregada Denize de Lacerda, 42, se sente temerosa com novos incidentes. “Nunca teve nenhuma orientação sobre segurança”, afirmou.

AM (Colaborou Matheus Moreira)



RENOVADA. Escola Estadual Raul Brasil, local da tragédia em Suzano, foi reformada e ganhou entradas distintas para alunos e profissionais



Me sinto seguro, mas isso (incidente em Suzano) pode acontecer com qualquer um, né?”

Gabriel Amorim Augusto, 21 anos, estudante no Senai Almirante Tamandaré, em São Bernardo



A segurança está mais rígida, sempre cobram crachás e o uniforme.

Sei que pode acontecer, mas não fico preocupado.”

Vinicius de Souza Silva, 22 anos, estudante do Senai Almirante Tamandaré, em São Bernardo



Tenho medo de que isso (atentado) aconteça. É comum o pessoal reclamar de assalto na porta da escola.”

Denize de Lacerda, 42 anos, encarregada fiscal, mãe de aluno da EE Américo Brasiliense, em Santo André



O portão sempre está fechado. Não tenho esse tipo de preocupação, estou tranquila com isso.”

Rosana Melato do Nascimento, 57 anos, autônoma, mãe de aluno da EE Américo Brasiliense, em Santo André

Mudanças são tímidas um ano após tragédia em escola de Suzano

Apesar de o governo de SP propor medidas para dar voz aos jovens, estrutura da rede dificulta implantação

ALINE MELO
alinemelo@dgabc.com.br

Hoje, dia 13 de março, faz um ano que os jovens Guilherme Taucci Monteiro, 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, 25, invadiram a Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, mataram oito pessoas e se mataram. Além das vítimas fatais – um comerciante atingido antes do ataque à unidade escolar, cinco alunos e duas funcionárias – outras 11 pessoas ficaram feridas. O episódio foi o primeiro do gênero no País e abriu discussão sobre a segurança das escolas públicas e privadas e o que estava sendo feito para combater o bullying, apontado como uma das possíveis causas para a tragédia. Especialistas e professores citam que desde então houve mudanças na educação como um todo, mas que ainda são tímidas e esbarram na realidade estrutural das escolas, a maioria, antiga e precisando de revitalização.

A EE Raul Brasil está em reforma desde outubro, com previsão de inauguração em abril. Toda a estrutura da unidade foi reformulada, os espaços, ampliados, favorecendo a convivência, e haverá mudanças como uma entrada exclusiva para alunos e outra para a comunidade em geral, com acesso apenas à diretoria. No dia do massacre, os atiradores, dois ex-alunos, encontraram o portão aberto e acessaram o pátio na hora do intervalo do ensino médio.

Do ponto de vista pedagógico, mudanças foram pensadas para dar mais voz aos jovens, relata o secretário de Estado da Educação, Rossieli Soares. Todas as escolas da rede (são 350 no Grande ABC) contam com a disciplina projeto de vida, além da possibilidade de os alunos cursarem matérias eletivas. “Tem que ter um espaço dentro da escola para que a gente cada vez mais escute e entenda quais são os sonhos, os desejos dos estudantes, para que a escola se organize em torno disso”, afirmou o secretário. Também foi criada a disciplina tecnologia e inovação, segundo o gestor, “para trabalhar os conceitos do novo mundo.” O fato de

algumas escolas não contarem com computadores para todos os alunos, além de problemas de sinal de internet não são empecilho, na avaliação de Rossini. “A disciplina não é baseada apenas no uso de equipamento, é preciso fazer desenvolver o pensamento computacional”, citou.

Com relação à segurança, Rossini informou que foi criado gabinete integrado de segurança escolar, com a participação de pessoas da SSP (Secretaria da Segurança Pública) dentro da Secretaria de Educação, para uma interlocução mais rápida. Segundo Rossini, já houve casos de escolas que percebe-

ram movimentações de alunos que pretendiam praticar algum ato de violência e que foi possível impedir. Os dados serão apresentados em relatório no fim de março. O gestor também citou que o Estado tem 8.000 câmeras de segurança integradas a uma central de monitoramento, mas a pasta não detalhou quantas dessas estão em escolas nem quantas estão no Grande ABC.

Escritora e educadora, fundadora da Piraporiando – Editora Edtech focada em educação para diversidade por educação antirracista, antibullying e sem preconceitos, Janine Rodrigues avaliou que as mudanças implementadas pelo governo são positivas e que inclusive estão previstas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). “Trabalhar as habilidades sócioemocionais é muito importante. Não adianta o aluno ser brilhante em matemática, se for um indivíduo que não sabe ouvir um ‘não’, lidar com derrotas e frustrações”, pontuou. A especialista destacou a necessidade de entender que no bullying existe o agressor, o agredido e a plateia. A solução passa por envolver essas pessoas. “Não dá para chegar com uma ideia pronta, porque a linguagem dos adultos é diferente da dos jovens”, concluiu.



DIREITO



JOÃO PEDRO POLONI SILVA

UNESP
2º LUGAR

singular 

SANTO ANDRÉ - Rua Cel. Alfredo Fláquer, 76 - 4990-4193
SÃO BERNARDO - Rua José Pelosini, 95 - 4125-7034

singular.com.br SingularAnglo SingularAnglo